

ENTRE VERSOS E RIMAS DE JURACI SIQUEIRA: A FORMAÇÃO DE LEITORES¹⁵

BETWEEN VERSES AND RHYMES BY JURACI SIQUEIRA: THE FORMATION OF READERS

Ana Maria de Carvalho
Universidade do Estado do Pará
Belém/Pará - Brasil

Resumo

Neste trabalho serão abordados os cordéis: O chapéu do boto e O Bicho Folharal, de Antonio Juraci Siqueira. Estas obras foram usadas no projeto de leitura com o objetivo de desenvolver a formação de leitores nas turmas do sétimo ano, da Escola Municipal João Paulo II, localizada em Ananindeua – PA. Os dois títulos foram escritos para o público infantil-juvenil. A escolha justifica-se pela discussão sobre temas considerados transversais como: meio ambiente e mitos amazônicos. Ao trabalhar com essas obras buscou-se responder como a literatura de cordel pode contribuir para o processo de formação de leitores. No intuito de responder a tal questionamento o projeto seguiu uma sequência didática, na qual os alunos foram apresentados às obras, pesquisaram informações sobre o autor e a seguir foi iniciado o processo de leitura.

Palavras-chave: Leitor; leitura; ensino.

Abstract

In this work, the cordels will be addressed: O chapéu do boto and O Bicho Folharal by Antonio Juraci Siqueira. These works were used in the reading project with the objective of developing the formation of readers in the seventh grade classes of the João Paulo II Municipal School, located in Ananindeua – PA. Both titles were written for children and young people. The choice is justified by the discussion on themes considered transversal such as: the environment and Amazonian myths. By working with these works, we sought to answer how cordel literature can contribute to the process of forming readers. In order to answer this question, the project followed a didactic sequence, in which students were introduced to the works, researched information about the author and then the reading process began.

Keywords: Reader; reading; teaching.

¹⁵ Este artigo foi publicado, com o título “O cordel e o processo de formação de leitores”, nos Anais do XXXV ENANPOLL, online, 2020, p. X-. Foi adaptado com novas informações para publicação nessa revista.

Introdução

Os dois cordéis: *O Chapéu do Boto* e *O Bicho Folharal* foram escritos para o público infantil-juvenil. E, segundo o autor, para concorrer ao prêmio Mais Cultura de Literatura de Cordel — 2010, edição “Patativa do Assaré”, ficando entre os dez primeiros dos oitentas inscritos naquele ano. Posteriormente, foram publicados em 2012 pela editora Paka-Tatu.

Em *O Chapéu do Boto*, observa-se a apresentação de um dos mitos mais conhecidos na Amazônia. E *O Bicho Folharal* é uma versão desse conhecido conto popular, adaptado para a literatura de cordel. Em ambos, somos apresentados aos muitos saberes amazônicos. Esses dois textos encontram-se no volume II de *Obras Reunidas* (2023) de Antonio Juraci Siqueira, junto com mais nove cordéis que compõem a primeira parte dessa edição.

Este artigo, como já foi mencionado no resumo, justifica-se pela discussão sobre temas considerados transversais como meio ambiente e mitos amazônicos; além disso, busca responder como a literatura de cordel pode contribuir para o processo de formação de leitores, a partir das leituras desses dois textos.

O artigo encontra-se organizado em dois tópicos: o primeiro traz o referencial teórico, suporte deste trabalho (dividido da seguinte forma: uma breve discussão sobre literatura de cordel e depois sobre formação de leitor); e o segundo apresenta a análise dos textos escolhidos; além das seções básicas como introdução, considerações finais e referências.

Referencial teórico

O presente artigo traz algumas discussões sobre o cordel e a formação de leitores a partir dos textos teóricos de Marcia Abreu, Idelette Muzart dos Santos, Teresa Colomer, dentre outros. A primeira parte aborda sobre o cordel, a segunda trata do processo de formação de leitor e a terceira, entre versos aborda o escritor e as duas obras explanadas neste artigo.

Cordel

Para Márcia Abreu (1999), a nomenclatura literatura de cordel usada para denominar esse tipo de produção não era muito reconhecida pelos autores e consumidores nordestinos, eles, em geral, usavam o nome de folhetos. Na região central do Maranhão, por exemplo, ainda hoje ouço as pessoas chamá-los de romances, outra forma de denominar. A autora afirma que “a expressão ‘literatura de cordel nordestina’ passa a ser empregada pelos estudiosos a partir da década de 1970, importando o termo português que, lá sim, é empregado popularmente” (Abreu, 1999, p. 17).

A respeito da terminologia literatura de cordel, Idelette Muzart dos Santos (2006, p. 60.) afirma que: “a aparição no Brasil de um novo termo, literatura de cordel, para designar o folheto, pode ser datado de 1879-1880. Sílvio Romero é sem dúvida o primeiro brasileiro a utilizar a expressão”, é importante frisar que ele usa a expressão para se referir aos textos oriundos de Portugal que eram encontrados aqui, no Brasil.

Outro ponto importante diz respeito ao modo como esses cordéis portugueses chegaram ao nosso país; uma possibilidade, segundo Abreu (1999), é de que eles vieram junto com os livros encomendados para os seguintes Estados: Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Maranhão e Pará. São exemplos de cordéis portugueses que circularam pelo Brasil: “A história de Carlos Magno e os doze pares da França”, “A donzela Theodora”, etc.

Apesar da influência, há uma diferença muito grande entre a produção portuguesa e a brasileira, diferença essa que vai, com o passar do tempo, se consolidando na forma e no conteúdo. Sobre esse assunto Abreu (1999) afirma o seguinte:

Assim, entre o final do século XIX e os anos 20, a literatura de folhetos consolida-se: definem-se as características gráficas, o processo de composição, edição e comercialização e constitui-se um público para essa literatura. Nada nesse processo parece lembrar a literatura de cordel portuguesa. Aqui, havia [sic] autores que viviam de compor e vender versos; lá, existiam adaptadores de textos de sucesso. Aqui, os autores e parcela significativa do público pertenciam às camadas populares; lá, os textos dirigiam-se ao conjunto da sociedade. Aqui, os folhetos guardavam fortes vínculos com a tradição oral, no interior da qual criaram sua maneira de fazer versos; lá, as matrizes das quais se extraíam os cordéis pertenciam, de longa data, à cultura escrita. Aqui, boa parte dos folhetos tematizavam o cotidiano nordestino; lá, interessavam mais a vida dos nobres e cavaleiros. Aqui, os poetas eram proprietários de sua obra, podendo vendê-la a editores, que por sua vez também eram autores de folhetos; lá, os editores trabalhavam fundamentalmente com obras de domínio público (Abreu, 1999, p. 104-105).

O processo de composição, as características gráficas e o modo de comercialização dos folhetos, mencionados na citação, em parte, devem muito ao trabalho de Leandro Gomes de Barros, em 1893, ao de Francisco das Chagas Batista, em 1902 e ao de João Martins de Athayde, em 1908. Nesse período, por meio desses poetas, foram definidas as características.

Ao pesquisar acerca da classificação temática dos folhetos, observei que não há uma uniformidade entre os pesquisadores, cada um, a sua maneira, elabora uma classificação, talvez porque há uma infinidade de assuntos que são abordados nos folhetos.

Idelette Muzart-Fonseca dos Santos (2006), quando elenca as sete principais classificações datadas entre 1955 e 1976, afirma que essas classificações são feitas com base nas dicotomias: passado e presente, criação e tradição.

A respeito do cordel em sala de aula e do uso destes com o público infantil, no artigo intitulado: “Lendo e brincando com as sextilhas e outros versos”, publicado na obra *Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento*, Alves et al (2011, p. 52) afirmam:

Sobre o cordel para criança, verifica-se que é muito comum cordelistas incluírem em suas produções folhetos com características do universo infantil, adaptado para o cordel. Exemplo disso são contos de fadas e as fábulas, histórias e versos sobre animais.

Os folhetos usados corroboram com a ideia apresentada na citação acima, pois nos dois textos de Juraci Siqueira temos versos que falam sobre animais, principalmente no folheto *O Bicho Folharal*.

Formação de leitor

A leitura é de fundamental importância para que o aluno venha desenvolver habilidades e competências sobre como problematizar um assunto, compreender as entrelinhas de um texto e tornar-se conhecedor dos seus direitos. No entanto, o processo de formação de um leitor é bastante complexo e exige diversas estratégias ao longo de sua formação.

Teresa Colomer, em sua obra *Andar entre livros: a leitura literária na escola* (2007, p. 110), defende a leitura compartilhada como passo fundamental para o processo de formação de leitor, faz as seguintes ressalvas:

‘Compartilhar’, como vimos, é uma ideia essencial, mas os meninos e as meninas também necessitam de outras coisas: tempo na aula para praticar a leitura individual e rotinas cotidianas para que se ‘lembrem’ que podem pegar um livro e não o controle remoto da tevê; alguém atento em equilibrar seu interesse impaciente pela história, com sua leitura lenta (alternando a leitura adulta e a da criança, por exemplo) e que lhes facilite dando o significado das palavras novas, sem remeter-lhes à demora do dicionário nesse momento; atividades organizadas em longos projetos de trabalho que deem sentido às leituras escolares, enquanto criam expectativas sobre o modo de ler ou grau de profundidade requerido; assim como apresentações dos livros que afastem o medo e a dúvida que o texto desconhecido sempre provoca em qualquer leitor, de tal modo que os comentários do docente ou a leitura de fragmentos pretendam, na realidade, o mesmo que as primeiras linhas de qualquer narrativas: seduzir o leitor para que enfrente o esforço.

Assim, a autora reforça que além da leitura compartilhada, faz-se necessário outras ações que propiciem a esses leitores contato com a leitura, bem como maturidade para ir além.

A respeito do corpus a ser usado, Colomer (2007, p. 113) nos diz que é consabido “que a importância do corpus passa por sua flexibilidade e sua adequação a distintas funções, momentos e leitores.”

Sobre a ideia de trabalhar com projeto de leitura como este, com os dois cordéis já citados, Colomer (2007, p. 119-120) afirma que:

O trabalho por projetos torna possível que as atividades de leitura na escola superem uma boa parte das divisões artificiais, que se dão tradicionalmente nela e facilita que a leitura obtenha sentido de atividade habitual e necessário em uma sociedade alfabetizada. [...]

Colomer (2007) ressalta que existem quatro vantagens de trabalhar com projetos, são elas:

- a) integra os momentos de uso com os de exercitação;
- b) inter-relaciona as atividades de leitura e da escrita;
- c) engloba os exercícios sobre as operações de leitura e as ajuda na compreensão do texto;
- d) favorece a assimilação das aprendizagens realizadas.

Entre versos

Notas sobre o escritor

Para quem não o conhece, nada melhor do que ele se apresentar, assim o Filho do Boto, (um de seus apelidos) se define como “caboclo convicto e juramentado, papachibé legítimo, parido e criado as margens do Cajari na base do camarão com pirão de açaí” (2023, p. 194).

Antonio Juraci Siqueira, o filho do Boto, nasceu em Cajary, município de Afuá, no Pará. Reside em Belém desde 1976. É filiado a diversas entidades literos-culturais, dentre elas estão a União Brasileira de Trovadores, a Malta de Poetas Folhas & Ervas, a Academia Brasileira de Trova e o Centro Paraense de Estudos do Folclore. Além de escrever folhetos de cordel, é “oficineiro”, performista.

Em 2023 Antonio Juraci Siqueira teve publicada pela Editora Pública Dalcídio Jurandir: Imprensa Oficial do Estado do Pará - IOEPA sua obra completa (Obras Reunidas), dividida em cinco volumes. Projeto idealizado pela saudosa professora Vania Alvarez e outros, com o apoio de uma emenda parlamentar, na época, do deputado federal Edmilson Rodrigues. Sobre *Obras Reunidas* exponho de forma breve o que aborda cada volume e quem escreveu cada prefácio.

- Volume I – Poesia - é uma coletânea de seus poemas, iniciando com “Verde Canto” (coletânea de poemas publicada em 1981). Prefácio de Joel Cardoso.
- Volume II – Poesia popular, cordel e trova, dividida em duas partes: a primeira intitulada Literatura de Cordel e a segunda Estrelas de quatro pontas – trovas. Com prefácio escrito por Josebel Akel Fares.
- Volume III – Contos, crônicas e outros escritos, dividido em quatro partes. Prefácio escrito, pelo saudoso, Silvio Holanda.

- Volume IV – Literatura Infantojuvenil reunindo sete textos. Prefácio de Daniel da Rocha Leite.
- Volume V – Humor em verso e prosa, dividido em quatro partes. Com o prefácio de Paulo Nunes.

Sobre seu fazer poético, sua escrita é permeada de vários contextos que se enveredam pelo imaginário amazônico. Paulo Nunes (2023) ao prefaciá-lo apresenta Juraci como um poeta “paradigma”, de acordo com a sua “teoria dos poetas-paradigmas”¹⁶, assim diz Nunes (2023, p. 17)

Um poeta para estabelecer-se como ‘paradigma’, além de criar uma obra substancial e fundamental, precisa atrair, concomitantemente, por força de competência técnica e atitude dialógica, um número significativo de seus contemporâneos e, desta feita, exercer e admitir influências. O poeta-paradigma há que ser propositivo para, conhecendo o cânone literário, desacomodá-lo, renovar os ares que sopram deste cânone. Um poeta-paradigma faz-se, então, de competência enunciativa-criativa, fertilização de diálogo e ousadia de renovação. Digo tudo isto para apontar Antônio Juraci Siqueira como um dos poetas-paradigma da literatura produzida no Pará, nos séculos XX e XXI.

No que diz respeito ao seu trabalho como cordelista, considero Siqueira como o mais completo na arte de fazer cordel no Pará, parafraseando Nunes seria um cordelista-paradigma. Ele consegue escrever além da sextilha, a métrica recorrente entre os cordelistas. Em seus textos é possível encontrar a setilha, a quadra, as oitavas (oito pés de quadrão), as décimas e o martelo agalopado. Embora domine todas, ele também não se prende às normas fixas e escreve à sua maneira. A título de exemplo, em uma de suas obras: *Os versos sacânicos* (2006) pode se verificar quase todas as métricas citadas anteriormente.

O Chapéu do Boto

A oralidade tão recorrente nestes textos pode ser verificada na segunda estrofe deste folheto:

Esse caso aconteceu
 não muito longe daqui
 numa noite enluarada
 às margens do Cajary
 Vovó contou-me essa história
 eu a guardei na memória
 e hoje em versos eu escrevi.
 (Siqueira, 2012, p. 11)

¹⁶ Essa teoria vem sendo formulada pelo professor citado, Paulo Nunes, para mais informações a respeito sugiro ler suas obras.

Com relação às histórias infantis, nesses textos é comum um elemento mágico. Juraci Siqueira (2012) introduz o chapéu como esse elemento mágico, o que vem a ser confirmado na estrofe de número 24, vejamos:

Foi então que ao dar um salto
tentando o cerco vencer
que seu chapéu de abas largas,
véu de mistério e poder,
foi ao chão. Nesse momento
a rede de encantamento
começou a se romper.
(Siqueira, 2012, p. 18)

Ao cair do chapéu, a identidade do homem misterioso é revelada, seu encanto é quebrado e ele volta para água em forma de Boto tucuxi. Na verdade, todos seus acessórios eram encantados: o chapéu era uma arraia, o relógio era um caranguejo, o par de sapatos eram acaris de água doce, o cinturão era uma cobra e a montaria que o trouxe era um jacaré.

O poeta termina seu texto falando do processo de recontar as histórias de uma geração para outra, fato recorrente na oralidade.

A história aqui contada,
Não tem fim, nunca terá.
Toda vez que alguém contá-la,
outra face mostrará. [...]
(Siqueira, 2012, p. 21).

O Bicho Folharal

É uma adaptação de um conto denominado “O macaco e a onça”, publicado na obra *Marginália*, de Lima Barreto, na seção intitulada “Histórias de Macaco”, escrito pelo autor em 16 de abril de 1919. No texto de Juraci (2012), há um aumento da história, inserindo outros personagens, porém a base da narrativa é a mesma do texto original.

Esse cordel conta a história das várias tentativas realizadas pela onça para se vingar de um macaco esperto, que a enganou várias vezes, além de ter lhe dado uma grande surra.

O nome Bicho Folharal decorre do último disfarce usado pelo macaco, com o intuito de conseguir beber água sem ser pego pela onça. Fato evidenciado nas estrofes 22 e 23.

Procurou uma colmeia
e de mel se lambuzou.
Depois de bem lambuzado
nas folhas secas rolou
e assim, de folhas coberto,
com os olhos bem abertos,
para lago se mandou.

A onça vendo chegar
aquele estranho animal,
quis saber quem era e ele,
com a maior cara-de-pau
e um ar de bicho feroz
responde, engrossando a voz:
— Sou o bicho folharal.
(Siqueira, 2012, p. 32)

Em ambos os textos foi possível despertar o encantamento, a sedução do leitor defendida por Colomer (2007), para que possa desenvolver o esforço necessário no processo de formação do leitor. E com relação ao que a autora discute sobre o corpus, os dois cordéis abordados possuem uma boa flexibilidade.

Considerações finais

O trabalho com o cordel em sala de aula é bastante proveitoso, quando articulado a um projeto de leitura. Com relação aos alunos, estes gostaram muito dos dois textos e boa parte deles não conhecia a produção do escritor Antonio Juraci Siqueira.

No que diz respeito ao cordel em si, a sua diversidade de temáticas aumenta o leque de possibilidades para articular diferentes projetos de leitura na escola, tendo em vista que eles falam sobre fábulas, contos de fadas, meio ambiente e muitas histórias sobre o mundo animal.

Percebe-se que o processo de formação de leitor é bastante complexo, devido as múltiplas estratégias envolvidas nas atividades propostas, todavia não é inviável e as estratégias podem ser moldadas conforme as situações apresentadas por cada turma, por cada aluno.

A partir do cordel *O Chapéu do Boto*, desenvolvemos uma discussão sobre os mitos amazônicos, alguns conheciam outras narrativas e apresentaram oralmente para os colegas. Parte dessas narrativas os alunos tiveram acesso nas histórias contadas por seus avós, principalmente os alunos oriundos do interior do estado.

Com o texto *Bicho Folharal* não foi diferente, eles se divertiram com a artimanha do macaco e aproveitamos a discussão para falarmos sobre a importância da preservação do meio ambiente, sobre o que eles sabiam a respeito dos animais ameaçados de extinção e abordamos o que é possível fazer diante dessa problemática, levando em consideração o entendimento deles.

A vasta obra desse escritor aos poucos vem sendo trabalhada nas universidades, no que diz respeito as pesquisas, fazendo uma breve levantamento nas plataformas de dados, no catálogo de tese e dissertações da CAPES e nas bibliotecas das universidades publicas do estado encontrei os seguintes trabalhos¹⁷ sobre o a obra de Antonio Juraci Siqueira. Vejamos o que se tem feito sobre a obra do Filho do Boto.

➤ Teses e dissertações

POSSAS, HIRAN DE MOURA. **O jogral é jornal: devorações nas “acontecências” de Antonio Juraci Siqueira** 14/06/2015 undefined f. Doutorado em COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: PUC-SP

SILVA, JADDSO LUIZ SOUSA. **O MARAJÓ ENCANTADO DO JURABOTO: A Cartografia poética de uma máquina de guerra e seu Marajó literário** 09/03/2015 98 f. Mestrado em ARTES Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, Belém Biblioteca Depositária: PPGARTES/UFPA

CARVALHO, IVONE CALDAS. **LITERATURA E EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA: IMAGINÁRIO POÉTICO EM ANTONIO JURACI SIQUEIRA** 28/09/2015 165 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ, Belém Biblioteca Depositária: PAULO FREIRE

CARVALHO, Ana Maria de. **Literatura de Cordel: Entre Versos e Rimas Sotádicos e Sacânicos** 28/02/2010 109 f. Mestrado em LETRAS: LINGÜÍSTICA E TEORIA LITERÁRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, Belém Biblioteca Depositária: Biblioteca setorial Prof.^a Albeniza Chaves

➤ Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) registrado em bibliotecas de universidades públicas.

BARBOSA, Robson Pereira. **Letramento literário amazônico: Análise de uma prática de leitura na educação básica a partir da poética de Antônio Juraci Siqueira**. Orientador: Geovane Silva Belo. 2023. 34 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português) - Universidade Federal Rural da Amazônia, Campus Belém, PA, 2023.

¹⁷ Organizei de acordo com o ano de publicação ou defesa, no caso dos trabalhos de conclusão de curso.

➤ Artigos publicados em periódicos

Com relação aos artigos com certeza deve haver um número maior do que este que apresento aqui, trouxe apenas a título de exemplificação. Encontrei também alguns trabalhos publicados em anais de eventos.

BERGAMINI, Claudia. V. A narrativa do Boto. Revista Internacional de Folkcomunicação , [S. l.], v. 22, n. 48, p. 174–189, 2024.
BELO, Geovane Silva; MELO, Victor Salgado de. O mito do (jura)boto: um estudo sobre encantarias e imaginário na poética de Antonio Juraci Siqueira. Asas da Palavra , v. 18 n. 1 (2021): Dossiê: Interfaces do Texto Amazônico.
FERNANDES, Francisca Claudia Borges; SOARES, Eliane Pereira Machado. Vocabulário do escritor Antônio Juraci Siqueira. RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade Revista Latinoamericana de Estudios en Cultura y Sociedad Latin American Journal of Studies in Culture and Society V. 05, nº 02, abr-ago., 2019, artigo nº 1492.
VIEIRA, Denise Scolari.; STRELOW, Celimara. C. L. Topologia amazônica imaginária em Piracema de Sonhos(1987), de Antonio Juraci Siqueira. Revista de Literatura, História e Memória , [S. l.], v. 12, n. 19, 2016.
POSSAS, Hiran de Moura. Mefistos e faustos sacânicos: disfarces de uma escritura das bordas. Sentidos da Cultura , Belém-PA, ano 2 n.2 jan-jun 2015.
POSSAS, Hiran de Moura. Jograis no jornal: o PQP, um espaço acelerador de partículas das “bordas”. Revista Temática , UFPB, v. 9 n. 4 (2013): Abril.
POSSAS, Hiran de Moura; CASTRO, José Guilherme de Oliveira. Um poeta assaltado pelas memórias do verdevagomundo: omosaico mestiço e inacabado de Antonio Juraci Siqueira. BOITATÁ , Londrina, n. 10, p. 1-17, jul-dez 2010.

Leitor, deixo aqui apenas uma entrada, um aperitivo, para que tu possas em um futuro breve conhecer, ler, pesquisar a obra de Antonio Juraci Siqueira, a qual abarca um pouco de tudo, como demonstra os cinco volumes de *Obras Reunidas* do referido escritor, publicada em 2023. É emergencial que se tenha mais pesquisas sobre a produção literária do Filho do Boto, homenageado neste ano de 2024 na 27ª Feira Pan-Amazônica do Livro e das Multivozes.

Referências

ABREU, Márcia. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999.

ALVES, J. Hélder Pinheiro. SOUZA, Renata Junqueira de. GARCIA, Yara M. R. lendo e brincando com sextilhas e outros versos. In: *Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento*. SOUZA, Renata Junqueira de. TAGLIARI, Berta Lucia. (Orgs). Campinas – SP: Mercado das Letras, 2011. p. 49-96.

BARRETO, Lima. O Macaco e a Onça. In: *Marginália*. p. 96-97. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000154.pdf> acesso em: 06. nov. 2020.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

NUNES, Paulo. Antonio Juraci Siqueira: Tradição ressignificada de um poeta marajoara antifascista. In: SIQUEIRA, Antonio Juraci. *Obras reunidas: volume V: humor em verso e prosa*. Belém – PA: Editora Pública Dalcídio Jurandir: Imprensa Oficial do Estado do Pará – IOEPA, 2023.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Memória das vozes: cantoria, romanceiro e cordel*. Tradução de Márcia Pinheiro. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2006.

SIQUEIRA, Antonio Juraci. *O Chapéu do Boto e O Bicho Folharal*. Belém: Paka-Tatu, 2012.

SIQUEIRA, Antonio Juraci. *Obras reunidas: volume V: humor em verso e prosa*. Belém – PA: Editora Pública Dalcídio Jurandir: Imprensa Oficial do Estado do Pará – IOEPA, 2023.

Sobre a autora:

Ana Maria de Carvalho

Doutora em Letras - estudos literários (PPGL - UFPA - 2024). Mestra em Letras, área de Estudos Literários (UFPA 2010) Graduação em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará (2007) e graduação em Letras Licenciatura pela Universidade Federal do Pará (2007). Docente da Faculdade Mauricio de Nassau (Belém - Pa - 2014-2023), da Faculdade Cosmopolita (Belém - PA - 2019-2023), da Escola Municipal João Paulo II (En. Fundamental - Ananindeua - 2012 - 2024). Professora da Escola João Faria de Lima (Seduc - Pa - 2020 - dias atuais) e Professora da Universidade do Estado do Pará - UEPA (2024 - dias atuais). Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas - CUMA - Culturas e Memórias Amazônicas - UEPA. Pesquisadora convidada do GT de Literatura Oral e Popular – ANPOLL

E-mail: ana74u@yahoo.com.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8248-6072>